



UM LEGADO VIVO

*Preservação do Patrimônio
Imaterial*



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

VOLUME 15 / NÚMERO 8

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Dawn L. McCall
Editor executivo	Jonathan Margolis
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editora-gerente	Nadia Shairzay Ahmed
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Sylvia Scott

Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Projeto da capa	Diane Woolverton
Especialista em referências	Martin Manning

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

Capa: Bailarinos do Ballet Folklorico de San Antonio, do Texas, apresentam dança tradicional latina

© Reese Donovan/Getty Images

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Doze revistas são publicadas anualmente em inglês, Seguidas pelas versões em espanhol, francês, português e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição



© Al Grillo/AP Images

Pessoas, grupos comunitários, organizações filantrópicas e outras instituições dos Estados Unidos celebram e preservam o diverso patrimônio cultural do país. Aqui, menina toca tambor coreano em evento cultural em Anchorage, no Alasca. Com 93 línguas faladas, Anchorage é como muitos lugares nos Estados Unidos: uma mistura vibrante de culturas e pessoas

O patrimônio cultural dos Estados Unidos é rico, diversificado e fundamentado na contribuição de muitos povos. Inclui a cultura e as tradições milenares dos índios americanos e abrange os costumes, a cultura e a arte dos muitos grupos de imigrantes que se estabeleceram nos Estados Unidos ao longo dos últimos séculos e gerações.

Muitas expressões tangíveis desse patrimônio cultural são protegidas em museus, galerias e outras instituições públicas e privadas. Mas nenhum museu pode preservar formas menos tangíveis de expressão cultural com tanta eficácia quanto aqueles que as executam. O percussionista ganense-americano que apresenta a música Ga para

plateias extasiadas enriquece a cultura americana, assim como a contadora de histórias indígenas americanas ou o acadêmico que mantém viva uma língua ameaçada de extinção.

A cultura americana continua vibrante e de interesse global precisamente porque homens e mulheres de todas as partes da nação preservam formas intangíveis de expressão artística cultural vivenciando-as. Esta edição de *eJournal USA* explora essas histórias. ■



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / VOLUME 15 / NÚMERO 8
<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Um Legado Vivo Preservação do Patrimônio Imaterial

4 Patrimônio Cultural Imaterial: Um Novo Horizonte para a Democracia Cultural

JAMES COUNTS EARLY E RYAN F. MANION

A preservação cultural engloba não apenas monumentos, edifícios e artefatos, mas também dança, música e idiomas.

LÍNGUA

7 Salvando Línguas Ameaçadas de Extinção nos Estados Unidos

JULIETTE BLEVINS

Muitas pessoas e instituições estão trabalhando para revitalizar línguas ameaçadas de extinção e preservar a diversidade linguística americana.

11 Preservação das Línguas Nativas do Alasca — uma Palavra por Vez

KYLE HOPKINS

O francês Guillaume Leduey viaja para o Alasca para ajudar a salvar o eyak, idioma nativo do Alasca.

13 A Narração de Histórias Indígenas nos EUA: Mantendo Viva a Cultura Dakota pela Palavra Falada

Entrevista

Mary Louise Defender Wilson descreve seu trabalho como contadora de histórias dakotah e a importância de manter as tradições orais.

15 Ser Multilíngue

Citações de vários escritores, acadêmicos e figuras públicas sobre os desafios e benefícios da diversidade linguística nos Estados Unidos.

MÚSICA

17 Smithsonian Folkways Recordings: “Um Museu do Som”

D. A. SONNEBORN E MEGAN BANNER SUTHERLAND

A Smithsonian Folkways Recordings faz gravações de música, palavra falada, teatro e muito mais — de todas as partes do mundo — e disponibiliza ao público.

20 Casal Busca Apoio para Música Ganense Tradicional

Entrevista

Yacub Addy, percussionista de Gana, e Amina Addy, gerente do grupo musical Odadda!, discutem como estimular a apreciação da música ganense.

RECURSOS INTERATIVOS

21 Preservação das Culturas do Mundo: Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural

O Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural ajuda a salvaguardar as culturas do mundo por meio da concessão de verbas para projetos de preservação do patrimônio local.

DANÇA

23 Festival Local Preserva Dança Mundial

MICHAEL GALLANT

O Festival de Dança Étnica de São Francisco, realizado anualmente, destaca forma únicas de dança dos Estados Unidos e de muitos outros países.

26 Dança Clássica Cambojana Floresce na Califórnia

MICHAEL GALLANT

A dançarina Charya Burt faz apresentações e ensina dança cambojana no norte da Califórnia.

GALERIA DE FOTOS

27 Americanos Preservam Patrimônio Cultural

Imagens de americanos atuando para preservar música, dança e outras formas de expressão cultural em comunidades grandes e pequenas.

QUEM TEM RAZÃO?

30 Repatriação de Propriedade Cultural

Malcolm Bell, III, da Universidade de Virgínia, e James Cuno, do Instituto de Arte de Chicago, debatem os prós e contras da devolução de obras de arte e artefatos para as terras onde foram criados.

34 Leis de Preservação dos EUA: Estrutura Jurídica para Preservação do Patrimônio Cultural

PATTY GERSTENBLITH

Os Estados Unidos têm leis que protegem as obras tangíveis, como a escultura, e também as formas intangíveis de expressão cultural, como os idiomas.

36 Recursos Adicionais

Seleção de livros, artigos e sites sobre a preservação do patrimônio cultural.

Patrimônio Cultural Imaterial

Um Novo Horizonte para a Democracia Cultural

James Counts Early e Ryan F. Manion

© 2010 Instituto Smithsonian



Cortesia: Jeff Tinsley, Instituto Smithsonian

O Festival Smithsonian de Folclore é realizado anualmente em Washington, DC. Ele celebra a língua, a narração de histórias, a música, a dança, os artesanatos tradicionais e outras expressões culturais de comunidades americanas e internacionais

James Counts Early é diretor de Política de Patrimônio Cultural do Centro de Folclore e Patrimônio Cultural do Instituto Smithsonian.

Ryan F. Manion foi estagiário em etnomusicologia aplicada do Centro de Folclore e Patrimônio Cultural do Instituto Smithsonian.

Tradicionalmente, preservar o patrimônio cultural significava conservar edifícios históricos, monumentos e obras de arte. Mas, a partir da década de 1960 e graças à crescente valorização de diversas culturas e modos de expressão cultural, a preservação do patrimônio cultural foi ampliada para abarcar as chamadas expressões culturais “intangíveis” ou imateriais, tais como música, língua e dança. O Instituto Smithsonian, museu nacional dos Estados Unidos, teve um papel importante nessa expansão, sobretudo por sua

colaboração e cooperação com milhares de instituições educacionais, culturais e governamentais. Hoje, muitas instituições e pessoas físicas contribuem para a preservação do patrimônio cultural em todas as suas formas, materiais e imateriais.

Um caminho pioneiro foi iniciado em 1967, quando o Centro Smithsonian de Folclore e Patrimônio Cultural (CFCH) criou programas de preservação de patrimônio em colaboração com diversas comunidades locais dentro e fora dos Estados Unidos. Essa iniciativa culminou com o primeiro Festival Smithsonian de Folclore no National Mall de Washington, o espaço público gramado entre o Monumento a Washington e o Capitólio dos EUA. A então recente abordagem da preservação do patrimônio cultural destacou o valor da língua, da narração de histórias, da música, da dança, do artesanato tradicional, das práticas sociais, das etnociências, das práticas agrícolas tradicionais e de outras expressões culturais de



Cortesia: Instituto Smithsonian

Grupo cultural cambojano radicado em Maryland realiza a tradicional dança cambojana da "Sereia Dourada" no Festival Smithsonian de Folclore de 2007

comunidades de todo o país. Isso incluía dançarinos do leão chineses, pintores indígenas de areia, ceramistas, uma banda de dulcimer martelado da Boêmia e narradores de histórias, além de tocadores de banjo das montanhas, um coro russo e cantores de *blues* e *gospel*. Esse primeiro festival gratuito atraiu aproximadamente meio milhão de espectadores. O Festival Smithsonian de Folclore é agora um evento anual assistido todos os anos por mais de um milhão de pessoas e, frequentemente, apresenta culturas de outros países além das locais.

Ao enfatizar como os cidadãos comuns praticam e preservam seu patrimônio cultural, o Festival Smithsonian de Folclore ampliou de forma significativa a compreensão sobre outras culturas e o desejo de celebrá-las. À medida que comunidades locais e artesãos menos conhecidos passaram a ser cada vez mais reconhecidos como importantes pilares de imaginação e criatividade, o alcance e a definição do que é uma expressão cultural "valiosa" e merecedora de preservação foram sendo proporcionalmente ampliados. Um novo paradigma, no qual instituições culturais fazem parceria com comunidades de base, inspirou práticas semelhantes de gestão do patrimônio cultural entre outras instituições culturais nacionais e internacionais.

No fim dos anos 1990, surgiu o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial (PCI). Esse conceito refletiu os princípios defendidos nas quase quatro décadas

Ao enfatizar como os cidadãos comuns praticam e preservam seu patrimônio cultural, o Festival Smithsonian de Folclore ampliou de forma significativa a compreensão sobre outras culturas e o desejo de celebrá-las.

de seus próprios países. O reconhecimento de que as formas imateriais de patrimônio cultural são tão importantes quanto as materiais representou uma mudança radical em relação às práticas anteriores e expandiu a esfera da expressão cultural digna de preservação.

A preservação do patrimônio cultural imaterial continua a orientar as discussões, as práticas e os protocolos culturais nacionais e internacionais. Diferentes vozes são ouvidas e mais formas de expressão estão incluídas. A preservação cultural está se tornando mais inclusiva, democrática e aberta em todo o mundo. As instituições culturais americanas estão capacitadas e prontas para colaborar com instituições e comunidades dentro e fora de suas fronteiras com o fim de preservar a cultura para o enriquecimento dos povos em todo o mundo. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Salvando Línguas Ameaçadas de Extinção nos Estados Unidos

Juliette Blevins



Jessie Little Doe Baird (esquerda) estudou linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e fundou o Projeto de Recuperação da Língua Wampanoag para preservar o idioma dos ameríndios que participaram do primeiro jantar de Ação de Graças. Aqui ela cumprimenta o governador de Massachusetts, Deval Patrick

Juliette Blevins é professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade da Cidade de Nova York. Ela também é diretora da Aliança para as Línguas Ameaçadas de Extinção.

Vivemos em meio a uma crise global das línguas: a cada duas semanas, uma língua morre. A metade das 6.700 línguas do mundo está em perigo de desaparecer nos próximos 100 anos.* Se isso não for revertido, a perda será trágica: relatório recente da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) afirma que a língua incorpora a identidade dos indivíduos e grupos e exemplifica seu patrimônio cultural imaterial. Graças a uma longa história de ocupação humana e

À esquerda: O professor pré-escolar Nailima Gaison repassa o alfabeto havaiano com seus alunos em Keaau, Havai
© Tim Wright/AP Images

imigração generalizada, os Estados Unidos têm uma das populações com maior diversidade linguística do mundo. Ainda assim, muitas línguas, especialmente as indígenas, estão ameaçadas.

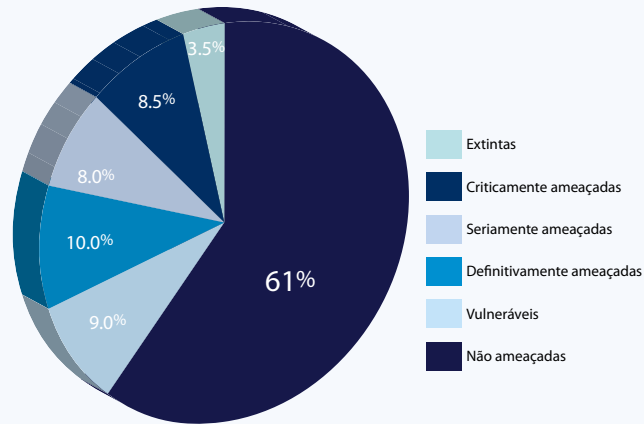
Nos últimos 500 anos, mais de 100 línguas nativas da América do Norte desapareceram e muitas estão em vias de extinção com apenas poucos falantes idosos. É, portanto, especialmente importante que as línguas indígenas dos Estados Unidos sejam revitalizadas, preservadas, documentadas, ensinadas — em alguns casos, escritas — e, o que é mais importante, faladas por muitas pessoas.

Alguns dos mais notáveis esforços individuais de recuperação da língua são realizados por ameríndios cujas línguas estiveram em desuso por algum tempo. Toda criança americana aprende na escola a história da primeira Ação de Graças, quando os peregrinos e os índios wampanoag (wôpanâak) festejaram juntos em 1621, mas poucos aprendem que a língua wampanoag e outras

línguas algonquinas do leste do país desapareceram logo depois disso. Na época da Revolução Americana, tudo o que restava da língua era um punhado de falantes idosos, algumas listas de palavras e uma Bíblia traduzida. Graças a esse material e ao que se conhecia de outras línguas estreitamente relacionadas, ocorreu praticamente um milagre. Em 1997, Jessie Little Doe Baird, wampanoag e aluna de pós-graduação em linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts que sonhava falar sua língua tribal, iniciou o Projeto de Recuperação da Língua Wampanoag. Hoje, são oferecidas aulas de wampanoag e um dicionário de mais de 9 mil palavras está sendo compilado.

Outro esforço extraordinário é o trabalho de Daryl Baldwin, linguista, membro da tribo Miami e atual diretor do Projeto Myaamia. Daryl começou quando jovem e de maneira autodidata a aprender miami, língua algonquina do Meio Oeste americano, embora esta já

Vitalidade das 6.700 línguas do mundo



Vulneráveis: a maioria das crianças fala a língua, mas pode estar limitada a certos ambientes, como a família

Definitivamente ameaçadas de extinção: as crianças já não aprendem o idioma como língua materna em casa

Seriamente ameaçadas de extinção: a língua é falada por avós e gerações mais velhas; embora a geração dos pais pode compreendê-la, não fala com os filhos ou entre si

Criticamente ameaçadas de extinção: os falantes mais jovens são os avós e os idosos, e eles falam a língua parcial e raramente

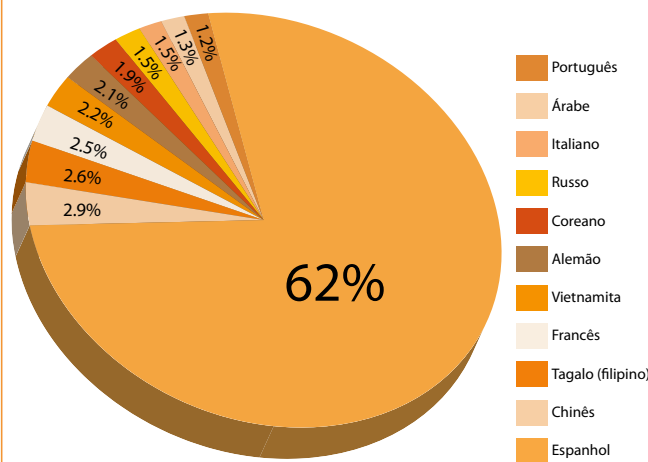
Extintas: não há falantes

Cortesia: Erin Riggs

Dados de: Moseley, Christopher (org.). 2010. Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Desaparecer, 3ª ed. Paris, publicação da Unesco. Versão on-line: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>

Diversidade linguística nos EUA

Cerca de 20% da população americana fala uma língua além do inglês. Desse grupo, a distribuição das línguas faladas é a seguinte:

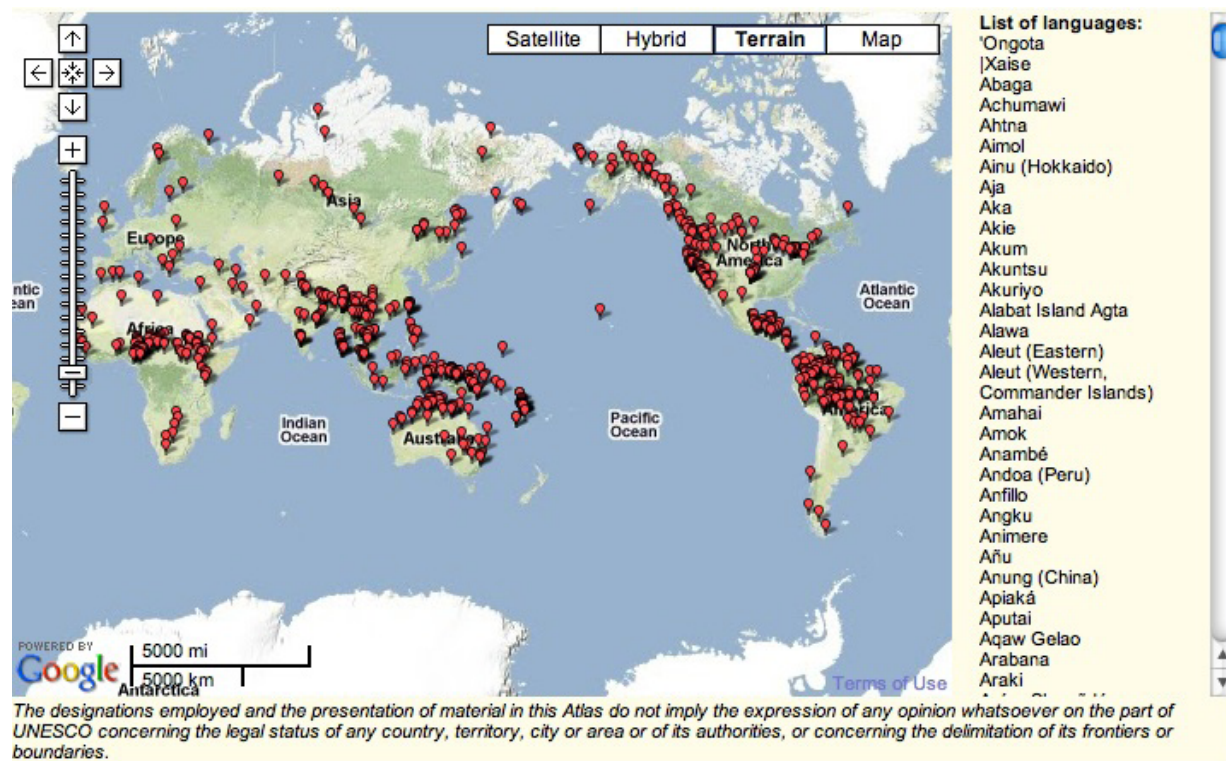


Cortesia: Erin Riggs

Dados de: Mapa das Línguas da Associação de Línguas Modernas, MLA. http://www.mla.org/resources/map_main

Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Desaparecer - Unesco

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) compila um atlas de línguas vulneráveis, ameaçadas de extinção e extintas. O mapa abaixo mostra a distribuição de algumas das 578 línguas classificadas como “criticamente ameaçadas” pela Unesco.



Fonte: Moseley, Christopher (org.). 2010. Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Desaparecer, 3ª ed. Paris, publicação da Unesco. Versão on-line: <http://www.unesco.org/culture/en/angeredlanguages/atlas>

não fosse falada quando ele nasceu. Em grande parte devido a seus esforços, a língua agora é usada por um pequeno, porém crescente, número de pessoas, e integra a revitalização cultural miami, que inclui um curso de língua para crianças, estudos de etnobotânica e publicação de histórias tradicionais miami.

Além dos notáveis esforços individuais desse tipo, muitas tribos iniciaram seus próprios projetos de revitalização, preservação e documentação. Embora o navajo (ou diné bizaad), com 170 mil falantes, seja a língua indígena mais falada ao norte do México, o número de navajos que não a falam está crescendo mais rápido que o número de falantes. Quarenta anos atrás, 90% das crianças que entravam na escola eram falantes de navajo, agora, a proporção é de menos de 30%. Para manter a força da língua, o Diné College, localizado em Tsaile, Arizona, tem atualmente um Programa de Língua Navajo que prepara os estudantes para serem professores,

intérpretes e tradutores da língua navajo. Embora muitos americanos estejam familiarizados com o navajo devido a seu uso como código cifrado do Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, poucos conhecem sua riqueza estrutural ou seu poder cultural. O navajo, como outros idiomas atabascanos, tem uma das mais complexas estruturas de palavras, com uma série de até 11 prefixos precedendo o radical verbal.

Um dos esforços mais bem-sucedidos para revitalizar uma língua indígena dos Estados Unidos deu novo fôlego a uma língua polinésia, o havaiano. No século 19, havia 37 mil falantes nativos. Por meio da língua havaiana, eles transmitiram religião, histórias e canções tradicionais. Mas no século 20, restaram menos de 10 mil falantes, poucos deles jovens.

Em 1983, começaram a funcionar os “ninhos de idioma”, programas pré-escolares de língua (‘Aha Punana Leo) no Havaí, o único estado com uma língua nativa



Professor ensina suafl no Instituto Cooperativo de Língua Africana de Verão em Indiana. O Instituto procura aumentar o número de falantes de línguas africanas nos Estados Unidos

© Jeremy Hogan, Hearst-Times/AP Images

o amuzgo de Xochistlahuaca, o mazateco de Ayautla e dezenas de outras línguas indígenas do México e da América Central; línguas ameaçadas de extinção da região do Cáucaso, incluindo o esvano e o mingreliano; e uma grande variedade de línguas ameaçadas da África Ocidental. O forte apoio local a essa jovem organização, composta por dezenas de voluntários dedicados, é apenas uma demonstração do grande valor que os americanos dão à diversidade linguística e cultural.

Longe das grandes cidades dos EUA, novos “centros de línguas” estão sendo inaugurados. Organizados para atender às necessidades locais das

oficial. Os “ninhos de idioma” oferecem um ambiente de imersão total na língua para bebês e crianças em idade pré-escolar e são um dos métodos mais naturais para garantir a transmissão da língua de geração para geração. Eles foram muito bem-sucedidos e logo surgiu a necessidade de mais ensino em havaiano. Após a determinação da Constituição do Estado do Havaí, em 1987, de promover o estudo da cultura, da língua e da história havaianas, o Departamento de Educação do estado abriu as Kula Kaiapuni, escolas havaianas de imersão de nível fundamental e médio. Atualmente, há mais de 1.500 alunos (desde o jardim de infância até o ensino médio) no programa Kula Kaiapuni. O número de falantes de havaiano subiu para 8 mil e dezenas de novas publicações estão agora disponíveis em havaiano.

A diversidade linguística dos Estados Unidos é ainda reforçada pelo grande número de línguas trazidas ao país pelos imigrantes. Estima-se que 800 línguas são faladas nos quase 800 quilômetros quadrados da cidade de Nova York, tornando-a um dos lugares com maior densidade e diversidade linguística do mundo. Embora muitas dessas línguas gozem de boa saúde, pelo menos a metade está ameaçada de extinção ou correndo sérios riscos.

Nos últimos anos, linguistas, ativistas e líderes comunitários uniram-se em Nova York e outras grandes cidades americanas para identificar, documentar, preservar e ensinar línguas minoritárias em perigo de extinção. A Aliança para as Línguas Ameaçadas de Extinção na cidade de Nova York, por exemplo, é uma organização sem fins lucrativos que trabalha para identificar, registrar e preservar línguas em risco de extinção. Essas incluem o masalit e o zaghawa, falados por refugiados de Darfur;

comunidades linguísticas, os centros podem ter várias funções, desde capacitação de membros da comunidade em documentação e descrição de línguas, até aulas de idiomas, criação de dicionários ou produção de mapas com topônimos indígenas locais. Um dos mais antigos é o Centro das Línguas Nativas do Alasca, criado em 1972 pela legislação estadual para documentar e cultivar as 20 línguas nativas do estado. Outros centros são o Instituto de Patrimônio Sealaska no Alasca, o Centro de Línguas Three Rivers em Indiana e a Academia de Língua Navajo em Window Rock, no Arizona. Por outro lado, os centros urbanos tendem a abrigar centros de línguas que mantêm línguas tradicionais faladas por grandes grupos de imigrantes.

Nova York, por exemplo, é sede do Instituto de Pesquisa Judaica Yivo, um dos maiores recursos do mundo para estudos da língua iídiche.

Nos Estados Unidos, tribos, grupos comunitários, agências governamentais, organizações filantrópicas, universidades, organizações profissionais e pessoas físicas continuam a revitalizar as línguas e preservar a diversidade linguística americana. ■

** Embora haja uma longa discussão sobre quando uma língua é considerada ameaçada de extinção, dois fatores principais são levados em conta. O primeiro é o número de falantes remanescentes. O segundo e mais significativo é a idade média da comunidade linguística. Uma língua pode ter centenas de milhares de falantes, mas se eles têm, na sua maioria, mais de 40 anos, então esta é uma indicação de que a língua não está sendo transmitida às crianças e que, em uma geração ou duas, ela pode desaparecer.*

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Preservação das Línguas Nativas do Alasca — uma Palavra por Vez

Kyle Hopkins



© Bob Hallinen, Anchorage Daily News/AP Images

Guillaume Leduey viajou da França para o Alasca para aprender eyak, língua nativa do Alasca que está em extinção. Leduey segura o livro *In Honor of Eyak: The Art of Anna Nelson Harry* [Em Homenagem aos Eyaks: A Arte de Anna Nelson Harry], do linguista Michael Krauss

Kyle Hopkins é repórter do *Anchorage Daily News*.

Em uma manhã de verão na maior cidade do Alasca, Mona Curry, sentada na sala de estar, ouvia atentamente. “Awa’ahdah”, disse o jovem francês à sua frente.

Guillaume Leduey, um jovem de 21 anos apaixonado por línguas, estava se esforçando ao máximo para recriar a palavra “Obrigado” na extinta língua eyak do Alasca.

A mãe de Mona, Marie Smith Jones, foi a última falante nativa da língua. Quando ela morreu em 2008, a língua eyak também morreu — a primeira de 20 línguas nativas do Alasca a desaparecer. Especialistas receiam que outras morrerão em breve, a não ser que as novas gerações aprendam o idioma indígena inuíte que está prestes a

desaparecer. Agora, aqui na casa de uma amiga em Anchorage encontrava-se Leduey, rapaz bonito e magro, com barba rala e bandana, falando a língua dos ancestrais de Mona com sotaque francês.

Emocionada por ouvir a língua de sua mãe, Mona pediu a Leduey para dizer a palavra mais uma vez.

“Obrigado”, repetiu ele em eyak.

Vindo de Le Havre, França, cidade com cerca de 180 mil pessoas, Leduey sabe ou estudou pelo menos seis línguas. Cresceu na França sonhando com dialetos exóticos enquanto os outros meninos jogavam PlayStation. A visita de Leduey a Córdova, Alasca, com cobertura dos jornais locais e do *Wall Street Journal*, gerou discussões no Alasca não somente sobre como documentar a língua morta, mas como ressuscitá-la. Muitos consideraram a extinção da língua eyak como um prenúncio; a menos que as gerações mais jovens aprendam a falar e ensinar outras línguas nativas, elas também correm risco de extinção.

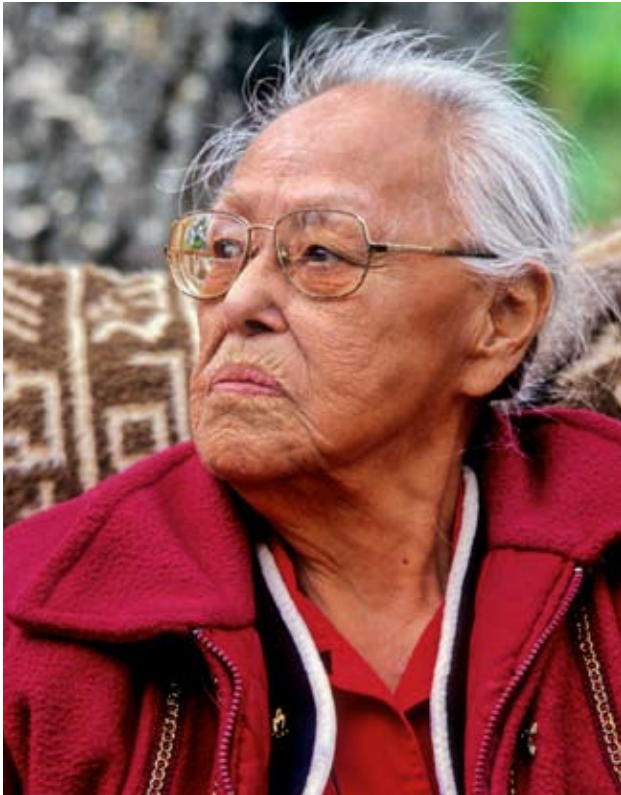
“Minha viagem ao Alasca permitiu-me confrontar o destino de um povo à procura de identidade e entender que, na realidade, a extinção de uma língua não é

algo irreversível”, disse Leduey.

“Pela primeira vez, vi interesse e entusiasmo verdadeiros e concretização do discurso ‘Queremos fazer alguma coisa em relação a isso’”, disse Laura Bliss Spaan, cineasta de Anchorage que dirigiu um documentário sobre a mãe de Mona em 1995.

Ela está trabalhando com o Conselho de Preservação do Eyak para estimular o interesse pela língua, que vinha desaparecendo há décadas.

O idioma eyak era falado pelos povos indígenas na costa do Golfo do Alasca, desde onde é hoje o leste de Córdova até Yakutat. Segundo historiadores e linguistas, nunca houve mais do que algumas centenas de eyaks, afirma o linguista Michael Krauss, de Fairbanks, autor de



© Marc Lester, Anchorage Daily News/AP Images

A chefe indígena Marie Smith Jones, a última falante nativa de eyak, morreu em 2008 com 89 anos

um dicionário de eyak e que serviu como uma espécie de mentor para Leduey durante sua visita.

Antes da chegada dos americanos ao Alasca, os eyaks já haviam sido absorvidos pelo povo tlingit do Alasca Sudeste. Mona, que diz que sua mãe foi punida por falar eyak na escola, estima que restem menos de 120 pessoas com descendência eyak.

Surge então Leduey, que descobriu a língua por acaso quando adolescente enquanto procurava informações sobre as diferentes línguas nativas do Alasca. Ele procurou o e-mail de Bliss Spaan, pediu a ela cópias dos DVDs instrucionais criados por ela sobre a língua. e começou a estudar eyak com 13 anos.

Quando os dois se encontraram anos mais tarde em Paris, a cineasta ficou surpresa ao saber que o jovem já estava aprendendo a língua e conseguia citar trechos completos do livro de Krauss.

Ela convidou Leduey a ir ao Alasca para o que se tornaria uma estadia de seis semanas começando em junho de 2010. Em Fairbanks, Krauss incumbiu Leduey de analisar os contos eyaks tradicionais palavra por palavra, desenvolvendo sua compreensão da língua e testando suas habilidades.

“Meu trabalho, mesmo que consiga terminar o que gostaria de fazer, ainda rende material para uma vida inteira de trabalho para alguém continuar estudando”, afirmou Krauss em junho.

Alcançar isso é uma façanha para Leduey, jovem que com seus 20 e poucos anos ainda está decidindo o que fazer da vida. No início de sua visita ao Alasca, não estava claro se ele queria ser o carregador da tocha em favor da língua. Leduey também é aspirante a escultor. “Quanto mais ficava no Alasca, mais pessoas conhecia, mais realmente sentia que isso era algo que ele estava completamente comprometido a fazer”, disse Bliss Spaan.

“Meus planos são de trabalhar com o dr. Krauss e com o povo eyak, ensiná-los a língua”, escreveu Leduey em e-mail recente. “Eles são a chave para a preservação e a recuperação da língua.”

Já há sinais de vida para o idioma eyak. Desde seu retorno à França, Leduey está trabalhando com Bliss Spaan e outras pessoas em um projeto para postar uma palavra ou frase eyak por semana no Facebook* e no Twitter.

“A batalha ainda não terminou. Eles [os eyaks] são os soldados, e estou apenas dando-lhes armas para lutar”, escreveu Leduey em um e-mail após retornar à França. “O melhor presente que recebi deles foi sua coragem.” ■

*<http://www.facebook.com/group.php?gid=49706794284&ref=search>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A Narração de Histórias Indígenas nos EUA

Mantendo Viva a Cultura Dacota pela Palavra Falada

Mary Louise Defender

Wilson é dacota sioux e reconhecida contadora de histórias dos índios americanos. Em 1999 recebeu a Bolsa de Estudo “Patrimônio Nacional” do Fundo Nacional para as Artes e atualmente é professora do Sitting Bull College na Reserva Indígena Standing Rock, em Dakota do Norte.

Pergunta: Descreva algumas das características culturais do povo dacota.

Mary Wilson: Bem, o povo dacota é um dos quatro grupos principais do povo sioux. A forma como entendo quem somos a partir de nossas tradições orais é que o povo dacota era identificado por seu modo de falar. Descendo dos que dizem que falamos wichiyena.

P: Quais são os desafios da preservação da narração de histórias dacota?

Mary Wilson: A narração de histórias é um aspecto da cultura dacota bastante difícil de ser mantido porque as histórias que ouvi foram contadas no dialeto wichiyena do povo dacota. E quando tentamos contar essas histórias em inglês, que eu diria é o idioma que a maioria das pessoas da reserva onde vivo fala, algo se perde, e isso dificulta a narração de histórias.

No entanto, nas minhas aulas, digo algumas frases ou algumas partes das histórias em wichiyena. Quando conto histórias sempre observo os rostos das pessoas para ver se estão entendendo. Para ver se estou conseguindo me comunicar. E parece que, mesmo que eles não saibam exatamente o que estou dizendo, há comunicação e eles conseguem entender a mensagem da história.



Mary Louise Defender Wilson (acima à direita) conta uma história dacota em Hofsos, Islândia. O público incluía cidadãos dos Estados Unidos e da Islândia

Imagem: Troyd Geist. Cortesia: Conselho das Artes de Dakota do Norte

P: Quais são os principais temas da narrativa dacota?

Mary Wilson: Em nossa prática pedagógica dizemos que somos resultado da evolução. Um dos primeiros seres evoluídos, que tinha algo de humano, era chamado Unktomi ou o Homem-Aranha. Agora, não era o Homem-Aranha que vemos na televisão hoje em dia. Unktomi, o Homem-Aranha, era primitivo, mas tentava agir como civilizado e era muito pouco apto para isso.

Nosso povo acredita que ao evoluirmos e nos tornamos seres humanos certas partes de nós não mudaram e sempre permanecerão primitivas, e isso é um tema importante nas histórias. Há quatro aspectos que sempre permanecem em nós e que são frequentes nas histórias. O primeiro é nossa necessidade de alimento. O segundo aspecto que se mantém entre nós atualmente é a raiva e a violência. O terceiro é o comportamento de grupo. E o quarto é nossa natureza sexual, que sempre está conosco. E o nosso povo fazia algumas coisas para que isso não ficasse em primeiro plano e as pessoas não se

preocupassem com isso ou não houvesse falta de respeito em relação a isso. Então, esses são os tipos de temas que aparecem nas histórias. E acho que eles ainda são relevantes hoje na nossa forma de vida.

P: Conte para nós uma das suas histórias favoritas.

Mary Wilson: “O Mundo Nunca Acaba” é uma história sobre uma mulher velha, muito velha, que vivia em uma caverna. Ela tinha um cachorro que era sua única companhia. Ela tinha uma fogueira acesa na caverna, e sobre a fogueira havia uma panela onde ela cozinhava algo.

Ela estava enfeitando uma faixa com espinhos de porco-espinho para colocar em seu manto. Você sabe, nós usávamos espinhos de porco-espinho para enfeitar roupas e outros objetos que costumávamos adornar antes de ter as miçangas dos comerciantes. Então, ela estava enfeitando essa faixa para o seu manto e fazia os seus desenhos. E, nesse momento, a fogueira começa a apagar, por isso, ela se levanta e põe lenha no fogo. Assim que ela se levanta e, claro, ela era muito velha, então se move muito lentamente, assim que ela fica de pé para fazer isso, o cachorro vai lá e desfaz o trabalho.

Então ela volta para sentar e pensa consigo mesma: “Acho que já fiz isso antes. Pensei que já tivesse terminado.” Daí começa tudo novamente. Então, é claro, o fogo começa a apagar. Ela se levanta e põe mais lenha. O cachorro vai e desfaz o trabalho que ela tinha feito. E isso se repete sem parar.

Mas a história diz que, se algum dia ela terminar de fazer o manto, o mundo acabaria. E essa é a razão do



Imagem: Troyd Geist. Cortesia: Conselho das Artes de Dakota do Norte

Mary Wilson e seu cachorro Sapa — que significa “preto” em dacota — na reserva indígena Standing Rock em Dakota do Norte

título, “O Mundo Nunca Acaba”, porque o cachorro é muito eficiente desfazendo o trabalho da mulher.

P: Você preserva a cultura dacota ao ensinar wichiye na Sitting Bull College. O que mais você leciona?

Mary Wilson: Ensino Estudos sobre as Mulheres Indígenas. Nessas aulas uso diferentes textos de mulheres indígenas para estudar como a situação das mulheres mudou na história desde a época dos primeiros contatos com os ocidentais e como é atualmente.

P: Por que você acha que a narração de histórias é parte importante da preservação cultural?

Mary Wilson: Porque ela nos conta sobre como somos como seres humanos. Você sabe, não se preserva algo só porque parece bonito ou porque lhe agrada. Acho que preservamos ou tentamos preservar algo do nosso povo que vá melhorar nossa civilização. E isso é o que o povo dacota fez. Mas é muito difícil continuar porque as pessoas acham que há outras coisas mais importantes para preservar em nossa cultura. No entanto, a narração de histórias é importante porque é a partir dessas histórias que você começa a se entender como ser humano. ■

Para mais informações, visite o sites:

http://www.nd.gov/arts/whatsnew/publications_recordings.html

<http://www.nea.gov/honors/heritage/index.html>

<http://www.nea.gov/pub/pubFolk.php>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Ser Multilíngue

Os imigrantes nos Estados Unidos às vezes enfrentam o conflito entre manter sua língua nativa e aprender o inglês, conflito também sentido por seus filhos. As citações a seguir mostram como os americanos têm lidado com esse desafio e como as atitudes mudaram.

“Toda criança deveria falar mais de uma língua (...) Se você fala uma língua estrangeira, isso representa uma ferramenta poderosa...”

— Presidente dos EUA, Barack Obama, durante discurso de campanha em 2008.

“Eu considerava o espanhol uma língua particular (...) Sem dúvida, teria me agradado ouvir meus professores se dirigirem a mim em espanhol quando entrava na sala de aula. Eu teria sentido muito menos medo (...) Mas teria postergado — por quanto pudesse — ter de aprender a língua da sociedade pública (...) No entanto, não podia acreditar que o idioma inglês era para mim.”

— O ensaísta Richard Rodriguez detalha o conflito entre aprender espanhol, a língua de seus pais, e aprender inglês. Citação de: Rodriguez, Richard. *The Hunger for Memory: The Education of Richard Rodriguez, an Autobiography* [Ánsia por Recordações: A Educação de Richard Rodriguez, uma Autobiografia]. Nova York: The Dial Press, 1982, p. 19.

“... durante a minha infância, o inglês ‘limitado’ da minha mãe limitava a percepção que eu tinha dela. Eu tinha vergonha de seu inglês. Acreditava que seu inglês refletia a qualidade do que ela tinha a dizer (...) Mais tarde decidi que deveria imaginar um leitor para as histórias que escreveria. E o leitor que eu escolhi foi minha mãe, porque essas eram histórias sobre mães... Eu imaginava (...) a sua linguagem interna e por isso procurei preservar a essência...”

— A autora Amy Tan descreve a percepção que tinha na infância de sua mãe, imigrante chinesa, e como essa percepção mudou quando escreveu *O Clube da Felicidade e da Sorte*.

Citação de: Tan, Amy. “Mother Tongue” [“Língua Materna”]. Originalmente publicado como “Under Western Eyes” em *Threepenny Review*, 1990, pp. 315-320.

“O termo ‘língua de herança’ denota uma língua aprendida em casa, que é diferente da língua dominante da comunidade (...) Mais tarde na vida, a proficiência em uma língua de herança fornece [ao falante] oportunidades e vantagens adicionais, seja na universidade, na vida profissional ou no mundo dos negócios.”

— Universidade da Califórnia, San Diego, homepage do Programa de Línguas de Herança.

<http://linguistics.ucsd.edu/language/heritage-languages.html>

“...para muitos de nós que vieram de países diferentes, nossas dificuldades com as expressões idiomáticas americanas quase sempre resultam em construções sintáticas inesperadas e formas surpreendentes de frases que enriquecem a língua e a todos nós.”

— Gregory Djanikian, poeta de descendência armênia que emigrou do Egito para os Estados Unidos, reflete sobre como a língua inglesa tem sido moldada pelas comunidades de imigrantes.

Citação de: “Poet Celebrates Family Picnics and ‘Great Melting Pot’ of Language” [“Poeta Celebra Piqueniques de Família e ‘Grande Caldeirão Cultural’ da Língua”]. PBS News Hour (4 de julho de 2007).

http://www.pbs.org/newshour/bb/entertainment/july-dec07/picnic_07-04.html

PALAVRAS EMPRESTADAS PELA LÍNGUA INGLESA

O inglês incorpora muitas palavras de outros idiomas. Seguem alguns exemplos:

Palavra estrangeira incorporada ao inglês

Armada
Bazaar
Chess
Deli / Delicatessen
Icon
Shampoo
Tsunami
Wok

Idioma de origem

Espanhol
Árabe
Persa
Alemão
Russo
Hindi
Japonês
Chinês



Smithsonian Folkways Recordings

“Um Museu do Som”



Registros de Música e Cultura Popular do Instituto Smithsonian

D. A. Sonneborn e Megan Banner Sutherland

© Instituto Smithsonian 2010

D. A. Sonneborn, Ph.D., é diretor associado da gravadora Smithsonian Folkway Recordings.

Megan Banner Sutherland (Faculdade de William e Mary, bacharelado em Música, 2010) é estagiária de etnomusicologia aplicada na Smithsonian Folkways Recordings.

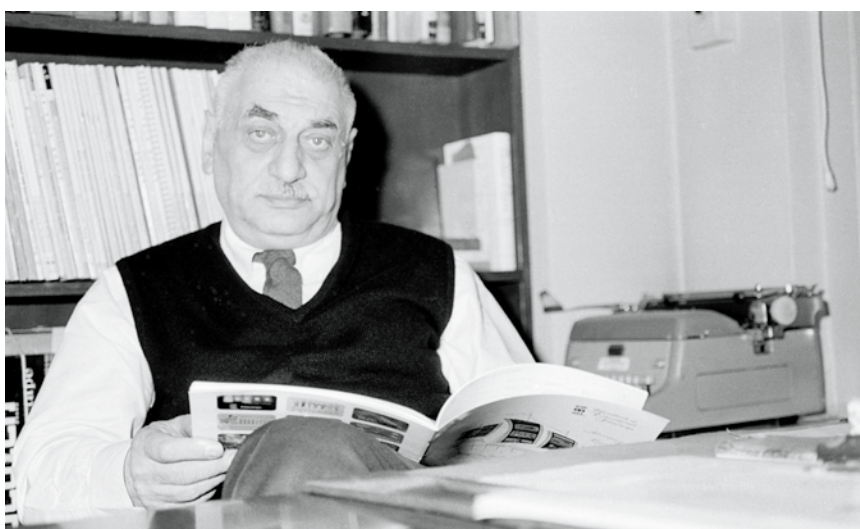
“(...) lego todos os meus bens (...) aos Estados Unidos da América, para a criação em Washington, com o nome de Instituto Smithsonian, de uma instituição para ampliação e difusão do conhecimento (...).”

Última vontade e testamento de James Smithson, 23 de outubro de 1829
[<http://siarchives.si.edu/history/exhibits/documents/smithsonwill.htm>]

Após receber a doação do cientista britânico James Smithson, em 1846, o Congresso dos EUA criou o Instituto Smithsonian como fundação pública independente. Atualmente o Instituto Smithsonian é o maior complexo de museus e pesquisa do mundo. Dedicado à missão de preservar e difundir conhecimento, ele compartilha publicamente milhões de artefatos e outras expressões de culturas, comunidades e identidades de todo o mundo – tanto em suas manifestações materiais como imateriais.

O Smithsonian Folkways Recordings é um museu do som que produz dezenas de milhares de registros sonoros disponíveis ao público – de música, palavra falada, poesia, teatro, ensino e sons naturais e produzidos pelo homem. Em 1987, o Instituto Smithsonian comprou o selo independente Folkways Records and Service Corporation de seu fundador

À esquerda: O trompetista de jazz Dizzy Gillespie, um dos muitos intérpretes que têm sua música preservada pela Smithsonian Folkways Recordings
© AP Images



Moses Asch fundou o selo Folkways Records e transformou a preservação da música folclórica dos EUA e do mundo na missão da sua vida

Foto: Daiana Davies. Cortesia: Arquivos e Coleções da Vida Folk de Ralph Rinzler, Instituto Smithsonian

Moses Asch. Asch, filho de um renomado escritor iídiche, era grande admirador de todo tipo de manifestação artística e cultural. Era movido pela paixão de mostrar como a música e o som revelam a nossa humanidade essencial. Valorizava o que chamava de “música do povo”, dando preferência às gravações eternas em relação às populares. Mantinha todos os títulos lançados em catálogo — no fim mais de 2 mil álbuns — não importando se um álbum vendia uma cópia em dez anos ou milhares de cópias por ano. Asch acreditava que por meio do som gravado qualquer pessoa poderia superar diferenças étnicas, linguísticas, raciais e outras, aumentando a compreensão cultural. Desde o lançamento do selo em 1948, Asch documentou o mundo do som, acolhendo a música tradicional dos Estados Unidos e de todo o planeta com a ajuda considerável de estudiosos, profissionais de gravações de campo e entusiastas do mundo todo.

Na segunda metade do século 20, graças a esforços visando estimular e expressar o orgulho nacional e cultural, muitos países vivenciaram uma revitalização da música folclórica. Além de fazer gravações com músicos talentosos em estúdio,

Asch geralmente privilegiava as ousadas gravações de campo. Ele lançou vários álbuns de colecionadores que levavam seu equipamento de gravação a comunidades distantes de músicos, não importando se se tratava de uma pequena aldeia de pescadores em New Brunswick, no Canadá, ou de um acampamento tribal nas profundezas da floresta tropical do Congo.

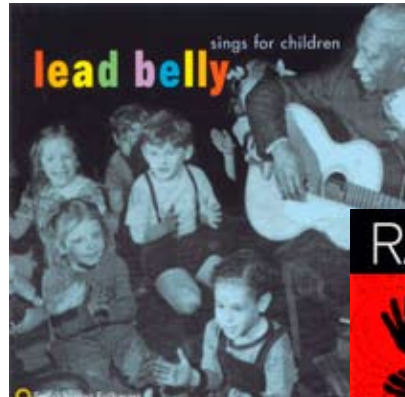
Para ajudar os ouvintes a ganhar uma maior compreensão do contexto cultural da música, os discos do selo Folkways eram geralmente acompanhados de extensas notas de capa. Essas notas incluíam imagens, tradução das letras, informações sobre os instrumentos musicais, biografias dos intérpretes e a história dos lugares onde as gravações de campo foram realizadas. O Folkways Records exerceu profunda influência sobre o que é agora amplamente conhecido como *world music* (música do mundo). Além disso, Asch foi pioneiro no uso de música infantil para fins educacionais. Ele via a música como ferramenta de promoção da criatividade, do movimento e da compreensão multicultural. Seu selo independente oferecia música folclórica e gravações culturalmente e/ou historicamente significativas para crianças e jovens adultos em todas as fases de aprendizagem, do icônico músico americano de blues Lead Belly cantando para crianças à ciência do som e à narrativa dos escritos de Frederick Douglass.

Desde a aquisição do Folkways Records há quase um quarto de século, o Instituto Smithsonian tem mantido a promessa de manter todo o catálogo do selo à disposição do público. O instituto tem promovido a ampliação da coleção original lançando música de base comunitária e adicionando outros selos e coleções independentes culturalmente importantes, entre eles, Collector, Cook, Dyer-Bennet, Fast Folk, Monitor, M.O.R.E. (Minority Owned Record Enterprises) e Paredon Records. A gravadora Smithsonian Folkways está também comprometida com o respeito dos direitos dos artistas aos lucros das gravações de seu trabalho. Além de aumentar a taxa de *royalties* paga aos artistas, que historicamente recebiam apenas quantias ínfimas por unidade vendida, a Smithsonian Folkways não tem medido esforços para localizá-los e pagar os *royalties*, mesmo que o artista tenha direito a apenas alguns dólares.

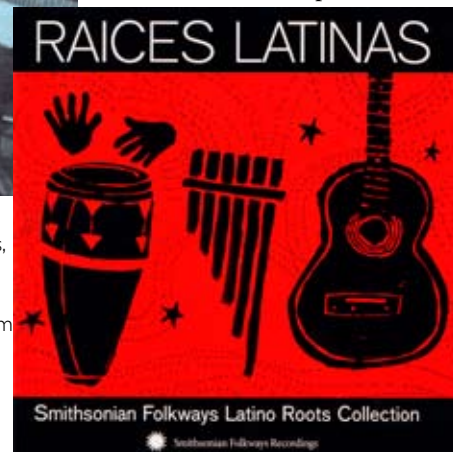
A Smithsonian Folkways Recordings seleciona material para novas gravações de diferentes maneiras. Observam-se lacunas específicas no conhecimento da coleção, procura-se financiamento e faz-se um álbum ou realiza-se uma série de gravações. Em alguns casos, uma terceira parte — por exemplo, um musicólogo ou outro especialista, artista ou

instituição — pode propor uma gravação que esteja em consonância com a missão da Smithsonian Folkways. As reedições do trabalho de um único artista ou compilações de um gênero são produzidas a partir de gravações da coleção arquivada; tais registros sempre incluem áudio remasterizado, com novas notas de capa e embalagem.

A coleção da Smithsonian Folkways — composta em sua totalidade de gravações de matrizes, álbuns, trabalhos artísticos e textos — é arquivada em depósitos com temperatura e umidade controladas junto com os registros comerciais e a correspondência

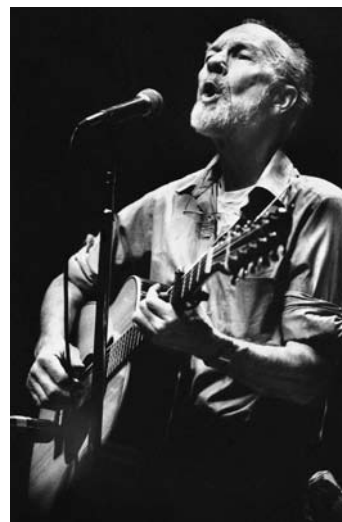


A Smithsonian Folkways produz gravações de vários gêneros musicais, inclusive um álbum para crianças cantado pelo músico americano de blues Lead Belly (no alto) e um álbum de música latina de raiz (à direita)



Cortesia: Arquivos e Coleções da Vida Folk de Ralph Rinzler; Instituto Smithsonian (para ambas as capas dos álbuns)
Cortesia: Arquivos e Coleções da Vida Folk de Ralph Rinzler; Instituto Smithsonian (para ambas as capas dos álbuns)

relacionada com as gravações. Ao digitalizar todo o catálogo, a Smithsonian Folkways Recordings pode tornar públicas e on-line todas as gravações arquivadas, por meio de um serviço interno, sob demanda, de preenchimento do arquivo, que produz um CD ou áudio cassete de cada vez. Como um museu de som, a Smithsonian Folkways



© Mark Costantini/AP Images

Pete Seeger é um dos muitos cantores americanos de folk cuja música é preservada pela gravadora Folkways Recordings

Recordings esforça-se ao máximo para proporcionar a seu público os recursos para ouvir, conhecer e apreciar a música e o som de culturas de todo o mundo, desse modo aumentando e difundindo as culturas e as tradições dos americanos e de outros povos. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Para ouvir trechos de músicas dos arquivos da Smithsonian Folkways Recordings, visite http://www.america.gov/cultural_heritage.html



Para obter mais informações, visite:

Smithsonian Folkways Recordings

<http://www.folkways.si.edu/>

Selos independentes, coleções e álbuns mencionados no artigo

Lead Belly

<http://www.folkways.si.edu/albumdetails.aspx?itemid=2528>

Ciência do som

<http://www.folkways.si.edu/albumdetails.aspx?itemid=1092>

Narrações de escritos de Frederick Douglass

<http://www.folkways.si.edu/albumdetails.aspx?itemid=1037>

Collector Records

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/Collector.aspx

Cook Records

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/Cook.aspx

Dyer-Bennet

<http://folkways-beta.si.edu/listen2.aspx?type=preview&trackid=48536>

Fast Folk Records

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/FastFolk.aspx

Monitor Records

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/Monitor.aspx

M.O.R.E. (Minority Owned Record Enterprises)

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/MORE.aspx

Paredon Records

http://www.folkways.si.edu/find_recordings/Paredon.aspx

Casal Busca Apoio para Música Ganense Tradicional

*Renomado percussionista do grupo étnico Ga de Gana, **Yacub Addy** criou em 1982 o grupo de música ganense Odadda! Radicado nos Estados Unidos com a esposa, **Amina Addy**, gerente e produtor do Odadda!, ele ensina percussão na Faculdade de Skidmore em Saratoga Springs, Nova York. Yacub Addy recebeu em 2010 a Bolsa de Estudo “Patrimônio Nacional” do Fundo Nacional para as Artes dos EUA em 2010.*

Pergunta: Fale sobre a música Ga, que instrumentos são tocados de maneira típica e quais são os temas comuns?

Yacub Addy: Na música social é o sino, que se faz anunciar antes de qualquer outra coisa, funcionando como um cronômetro. Depois entram em cena os tambores de apoio e, por fim, o tambor mestre. O tambor mestre controla a música.

Amina Addy: O mestre tocará a parte que se espera que toque, podendo então improvisar, especialmente na música social. Você pode fazer o que quiser. Depois temos os vocalistas — porque há um vocalista que puxa a canção e há os que respondem. E o vocalista pode improvisar bastante.

Há música para o curandeiro, quando a percussão invoca o *jinn* [espírito] do xamã. A cultura Ga é dominada por uma combinação de líderes seculares e religiosos. Os *wulomo*, que são curandeiros, estão sob a liderança dos líderes religiosos.

E há a música que é para ser tocada na corte real Ga. Há música quando o rei caminha. Há uma poesia de tambor — na verdade uma linguagem de percussão — que é declamatória — a história do rei, e assim por diante. E finalmente o terceiro tipo — aquele que é provavelmente o que mais interessa à maioria das pessoas — é a música social, cujo único propósito é divertir. Ela se aplica a qualquer evento, tudo que se possa imaginar.

P: Por que decidiu vir para os Estados Unidos e como tem ajudado a manter viva a música Ga?

Yacub Addy: Não havia apoio à música tradicional em Gana.

Amina Addy: Se você faz música contemporânea em Gana, então pode viver do que faz. Mas se trabalha com música tradicional, simplesmente não há muito apoio. Não há como ganhar a vida em Gana como artista de música tradicional. Nos anos 1960, para manter viva a música Ga, Yacub criou um sistema de cinco técnicas básicas de percussão que produzem cinco sons distintamente diferentes e depois múltiplas variações desses sons. Ele colocou o sistema em prática em sua primeira visita à região do Noroeste Pacífico na década de 1970, ampliando-o com o passar do tempo, e ensinou-o em faculdades dos Estados Unidos.

P: Por onde o Odadda! tem passado e que papel ele tem desempenhado na preservação da música Ga?

Amina Addy: Temos excursionado principalmente pelos EUA e um pouco pelo Canadá. Estivemos em Porto Rico. Fizemos uma turnê no Japão. E, quanto ao impacto, a primeira coisa a destacar é que acreditamos ter sido os primeiros a introduzir a cultura de Gana para os americanos. Antes do Odadda! as pessoas não conheciam o povo Ga. Começamos em 1982 — pelo que sabemos éramos o único grupo musical totalmente africano baseado nos Estados Unidos.

Yacub Addy: Antes alguns ganenses nos Estados Unidos tinham um sentimento de constrangimento em relação à sua cultura. Mas o Odadda! mudou essa percepção equivocada. ■

Para mais informações, visite os sites:

www.yacubaddy.com/odadaa.html
<http://www.nea.gov/honors/heritage/index.html>
<http://www.nea.gov/pub/pubFolk>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Yacub Addy

© Enid Farber

Preservação das Culturas do Mundo

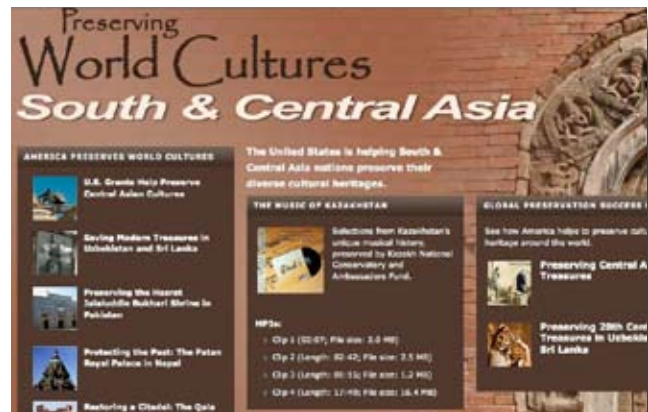
Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural

O Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural ajuda a salvaguardar as culturas do mundo por meio da concessão de verbas para projetos de preservação do patrimônio local. Saiba mais sobre esses vários projetos. vários projetos. vários projetos.



Preservação Cultural nas Américas

<http://www.america.gov/esp/patrimonio.html>



Preservação Cultural no Centro-Sul da Ásia

http://www.america.gov/preserving_culture-sca.html



Preservação Cultural na Europa

http://www.america.gov/preserving_world_cultures.html



Preservação Cultural no Mundo Árabe

http://www.america.gov/preserving_culture-mena.html

Para mais informações sobre o Fundo dos Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural na África e no Leste e Sudeste Asiático, visite:

<http://go.usa.gov/Ca7>
<http://go.usa.gov/Ca0>
<http://go.usa.gov/CaH>



Festival Local Preserva Dança Mundial

Michael Gallant



Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

Membros do conjunto de dança Imani's Dream fundem elementos do hip-hop e das danças africana, moderna e jazz

Michael Gallant é fundador e diretor executivo do Gallant Music (gallantmusic.com). Morou anteriormente em São Francisco e agora vive na cidade de Nova York.

Grças às suas belas montanhas onduladas, à icônica ponte Golden Gate, às pitorescas vistas do mar e à rica história cultural, a cidade de São Francisco, na Califórnia, atrai milhões de visitantes todos os anos. Mas a cidade está ganhando fama rapidamente por outra razão: o Festival de Dança Étnica de São Francisco. São Francisco tem uma comunidade de dança particularmente diversificada. Todos os anos, algumas das mais importantes companhias locais de dança étnica apresentam-se durante o mês de junho como parte do

À esquerda: Apresentação no Festival de Dança Étnica de São Francisco em comemoração ao bicentenário do México
Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

Festival de Dança Étnica de São Francisco, criado pela organização sem fins lucrativos World Arts West. O festival não só exibe muitas formas raras e únicas de dança, mas preserva ativamente esse tipo de tradição, colaborando para que essas manifestações se mantenham vibrantes nos Estados Unidos e no mundo todo.

MONTAGEM DO FESTIVAL

“Creio que temos a comunidade de dança mais extraordinária do mundo”, diz Julie Mushet, diretora executiva da World Arts West. “Trabalhamos com mais de 400 companhias de dança na grande Área da Baía de São Francisco, chegando facilmente em 20 mil bailarinos que mantêm mais de 100 diferentes tradições do mundo inteiro.”

Selecionar os que vão se apresentar no festival em meio a um grupo tão grande de potenciais participantes não é tarefa

fácil. Os produtores do festival fazem com que os candidatos, todos os quais devem ser do norte da Califórnia, passem por um processo rigoroso de seleção que conta com a realização de audições ao vivo e provas escritas sobre as tradições culturais que inspiram suas apresentações. Um painel de especialistas examina cada candidato, aplicando critérios que vão desde presença de palco a fidelidade às origens culturais da dança. A competição pode ser acirrada. As 137 audições realizadas para o festival de 2010 desclassificaram cerca de 2.500 bailarinos, chegando a uma seleção final com cerca de 600 artistas em 37 apresentações.

DANÇA ÉTNICA MUITO ALÉM DE SÃO FRANCISCO

Embora o festival tenha como foco as companhias de dança locais, seus efeitos atingem comunidades a milhares de quilômetros de distância, especialmente depois que a World Arts West começou a patrocinar a participação de artistas convidados do mundo todo. Segundo Julie, “tivemos a participação de um chefe tribal muçulmano das Filipinas que nunca havia saído da ilha de Palawan, onde nasceu, antes de participar desse festival”. “Dois

Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West



A Companhia de Dança Afoutayi apresenta a dança ritual cerimonial do Haiti, “Simbi Dlo” (A Deusa da Água)

Em 2010, o programa do festival representou culturas de todos os cantos do mundo. Em uma única noite, apresentaram-se companhias dedicadas a danças tradicionais indianas, haitianas, peruanas, taitianas, indonésias, espanholas e japonesas. Há alguns anos, um espetáculo chegou a apresentar o raramente visto *jejog* do gamelão balinês, um conjunto de marimbas de bambu gigantes que os músicos precisam escalar para tocar.

Julie revelou que adora destacar uma gama bastante diversa de danças tradicionais em uma única apresentação. “As pessoas chegam para ver o *flamenco* espanhol, mas se apaixonam loucamente por outras formas de dança que de outra forma não teriam oportunidade de conhecer”, acrescentou.

Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West



Elementos de dança são incorporados à apresentação de tambores *taiko*, executados aqui por integrante da companhia Jun Daiko

Eles passaram os ensinamentos para uma companhia de dança de São Francisco e trouxeram o chefe para o nosso festival como artista convidado. A companhia apresentou esse estilo de dança para 3 mil pessoas em três shows com ingressos esgotados.”

“O chefe filmou toda a apresentação para levar para as pessoas de sua tribo. Isso foi uma revolução. As crianças naquela cultura contavam com filmes nada inspiradores feitos nos EUA como sua única janela para conhecer o modo



Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

Integrante da Companhia de Dança Chinesa Hai Yan Jackson apresenta dança originária do povo qiang, da província Sichuan na China

bailarinos de São Francisco haviam estado em Palawan anos antes para treinar e aprender a dança local.

de vida americano* — e isso era realmente inquietante para os líderes tribais.” Mostrar o vídeo da apresentação no festival de dança despertou novo interesse pelos Estados Unidos entre as crianças de Palawan e mostrou que a apreciação da sua cultura se estende muito além das fronteiras filipinas. Essa percepção “foi de grande importância para a capacidade do chefe de preservar a própria cultura local”.

Embora o festival busque cultivar e compartilhar formas tradicionais de dança, inovações de estilo surgem com regularidade no palco do festival. “Há bailarinos que mudaram significativamente sua forma”, explica Julie. “Isso pode ser



Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

Tara Catherine Pandeya apresenta dança uzbeque e uighur ao som de Abbas Kosimov tocando *doira*, instrumento de percussão uzbeque

controverso, mas após brilhar em seus campos durante anos, esses artistas têm credibilidade para trilhar novos caminhos.”

Um exemplo recente é o de Charya Burt, ex-membro do corpo docente da Universidade Real de Phnom Penh, do Camboja, que imigrou para os Estados Unidos em 1993. “Há três anos, ela ficou na coxa antes de entrar em cena, muito nervosa”, conta Julie. “Até onde sabia, aquela era a primeira vez em 2.500 anos que uma bailarina cambojana cantava e dançava ao mesmo tempo. Ela estava com muito receio de estar arruinando a autenticidade do estilo. Mas como americano-cambojana, ela sentiu que era hora de dar um novo passo em sua carreira artística. (Nota do editor: para mais informações sobre Charya Burt, veja página 26).

“Poucos na plateia sabiam da grande modificação que estava sendo feita naquela forma de arte, mas para as pessoas daquela cultura, era realmente uma grande mudança. Não foi ‘autêntico’, mas foi lindo e bem recebido.”

Para Julie, a importância da dança étnica transcende qualquer estilo ou tradição particular. “A dança está no cerne da experiência humana”, diz ela. “É impressionante que, nos

desenhos rupestres de 30 mil anos atrás, as imagens que se repetem milênio após milênio são as de caça e *dança*.”

“A dança tem sido fundamental para o sentimento comunitário dos seres humanos, para viver uma vida plena. Esses estilos que o festival exalta vêm de um contexto cultural que reuniu pessoas para celebrar, expressar o luto e se conectar espiritualmente. Muita coisa é incorporada e transferida para o conhecimento dessas formas de dança!”

A cultura e a arte intrínsecas de qualquer forma de



Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

Dança folclórica turca apresentada pelo Presidio Dance Theater



Foto: RJ Muna. Cortesia: World Arts West

A dança apresentada aqui pela companhia Bolivia Corazón de América tem suas raízes nas culturas indígenas aimará e quíchua dos Andes bolivianos

dança fazem com que eventos como o Festival de Dança Étnica de São Francisco sejam cada vez mais importantes e necessários. Esses festivais ajudam a garantir que as danças tradicionais sejam vistas em lugares distantes das terras que lhe deram origem, resultando em maior entendimento e apreciação de uma ampla gama de culturas e formas de expressão cultural. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

***Nota do editor: para mais informações sobre esse tema, veja o livro *Pop Culture versus Real America [Cultura Pop versus a América Real]* <http://www.america.gov/publications/books-content/pop-culture-vs-real-america.html>**

Dança Clássica Cambojana Floresce na Califórnia

Quando as plateias americanas afluem para assistir Charya Burt se apresentar no Festival de Dança Étnica de São Francisco, na Califórnia, veem muito mais que uma agradável síntese de movimentos graciosos, precisão técnica meticulosa e figurinos elegantemente adornados no palco — elas estão tendo uma amostra do mundo cuidadosamente preservado da dança cambojana, assim como da rica cultura que deu origem a essa tradição.

Charya imigrou do Camboja para os Estados Unidos e fundou a organização Dança Cambojana Charya Burt em 1993. Em sua função de diretora artística da companhia do norte da Califórnia, ela compartilha e promove a dança cambojana ensinando, fazendo apresentações públicas e oficinas de dança.

Como membro do corpo docente de dança da Universidade Real de Belas Artes em Phnom Penh, no Camboja, Charya combina altos níveis de técnica e conhecimento da dança tradicional cambojana em suas aulas e apresentações. “Tenho a obrigação fundamental de preservar a dança cambojana”, declarou Charya. “Reenceno danças do repertório clássico, documento danças antigas e passo a tradição para as próximas gerações.”

Embora o trabalho de Charya se mantenha fiel às suas origens cambojanas, ela enfatiza a inovação criativa, incorporando outras influências em seu trabalho original em constante evolução. Uma peça, intitulada “Villear Chruas Knear” (Interseções no Tempo), é inspirada na vida de Charya como artista que cresceu em outro país, mas que agora vive e produz nos Estados Unidos. Outra peça, “Pka Kolab Khiev” (Rosas Azuis), explora o caráter doce, mas solitário, de Laura, personagem de *À Margem da Vida*, obra seminal do dramaturgo americano Tennessee Williams. Quando ela fez a *première* mundial de Rosas Azuis no Festival de Dança Étnica de São Francisco em 2007, usou uma roupa tradicional cambojana ao dançar acompanhada por um conjunto musical que tocava tanto instrumentos de cordas

ocidentais quanto instrumentos tradicionais do Camboja.

Os esforços de Charya para partilhar, preservar e desenvolver a dança cambojana continuam a lhe render sucesso e reconhecimento nos Estados Unidos. Destaque entre os bailarinos que participam regularmente do Festival de Dança Étnica de São Francisco há mais de uma década, Charya também recebeu o Prêmio Isadora Duncan de Realização Extraordinária em Interpretação Individual e diversas bolsas de organizações como a Aliança para as Artes Tradicionais da Califórnia e o Fundo para o Trabalho Criativo. Em 2006, o jornal *San Francisco*

Chronicle referiu-se a Charya Burt como “extraordinária profissional da dança clássica cambojana”.

Precisa, elegante e graciosa, a dança clássica cambojana que Charya Burt executa e ensina tem profundo significado histórico. Com mais de mil anos de história, a dança clássica cambojana evoluiu como uma conexão com o mundo espiritual e sempre foi executada em rituais reais. O ensino e as apresentações da dança clássica foram proibidos, contudo, quando Pol Pot assumiu o controle do Camboja entre 1975 e 1979. No subsequente genocídio cometido pelo Khmer Vermelho, muitos artistas — músicos,

escritores e bailarinos — foram mortos. Durante esse período, a dança clássica cambojana praticamente desapareceu.

Charya Burt continua empenhada em garantir que a tradição na qual foi treinada se desenvolva e floresça. Da Califórnia, seu lar adotivo, seus trabalhos adquiriram uma perspectiva global no processo. “Com meus projetos criativos, desenvolvi danças clássicas e folclóricas e também criei obras inovadoras que expandem as fronteiras da forma tradicional, tanto em termos musicais quanto temáticos”, escreveu ela. “Essas danças refletem meus interesses e paixões e, espero, os de pessoas de toda a parte.” ■

— Michael Gallant

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Charya Burt

© Bonnie Kamin Morrissey

Americanos Preservam Patrimônio Cultural

Os americanos preservam a música, a dança e outras expressões culturais vivendo-as e celebrando-as em comunidades grandes e pequenas.



© Alex Wong/Getty Images

O grupo de dança e música omani Al Majd Ensemble apresenta música tradicional do Omã no Festival Smithsonian de Folclore em Washington, DC



© Lynn Hermosa/AP Images

Dança mexicana exibida anualmente na Charro Days Fiesta em Brownsville, no Texas. Brownsville faz parceria com a cidade de Matamoros, do outro lado da fronteira, no México, para apresentar o festival binacional



© Johnny Hanson, Houston Chronicle/AP Images

Em Houston, no Texas, membros da Orquestra Steelight da Escola de Ensino Fundamental McGregor tocam tambores de aço — instrumento originário de Trinidad e Tobago



© Paul Stephen, The Exponent Telegram/AP Images

Adolescente de Pittsburgh, Pensilvânia, toca gaita de foles no Festival da Herança Escocesa e Encontro Celta na Virgínia Ocidental



© Beбето Matthews/AP Images

Integrantes do grupo Ibo Dancers of Haiti apresentam-se na cidade de Nova York em 2004 para comemorar o bicentenário da independência do Haiti



Cortesia: Katherine Fogden, NMAI, Instituto Smithsonian

O músico Bill Miller, da tribo dos moicanos, é conhecido por seu talento em tocar a flauta dos índios americanos. Ele lançou muitos álbuns de música indígena americana



© Robert Mecca/AP Images

Dois atores apresentam o musical iraniano *Ta'zieh* no Lincoln Center for the Performing Arts na cidade de Nova York



© Chitose Suzuki/AP Images

Jovens dançarinos da Escola Woods de Dança Irlandesa, em Boston, Massachusetts, comemoram o Dia de São Patrício. Um quarto da população de Massachusetts tem raízes irlandesas



© Santiago Flores, The South Bend Tribune/AP Images

O grupo cultural ruandês Berwa dança na Universidade de Notre Dame, em Indiana

Cortesia: Katherine Fogden, NIMAI, Instituto Smithsoniano



À esquerda: O grupo Halau Ho'omau I ka Wai O Hawaii apresenta um tipo de dança hula no Museu Nacional do Índio Americano, em Washington, DC. Sediado em Alexandria, na Virgínia, o grupo também dá aulas de danças havaianas



© Michael Dwyer/AP Images

Em festival realizado no Centro Cultural Vietnamita em Boston, Massachusetts, os visitantes são convidados a experimentar vários pratos vietnamitas



© Reed Saxon/AP Images

Dois integrantes do Teatro de Dança de Kerala apresentam dança de Kerala, Índia, no Festival Lótus em Los Angeles, Califórnia. O festival exhibe expressões da cultura asiática e dos ilhéus do Pacífico



© AP Images/Beth Schlanker

Mulher hmong mostra um Paj Ntaub Tib Neeg ou "história em tecido" feito por ela. Os hmongs que viveram em campos de refugiados na Tailândia começaram a fazer "histórias em tecidos" para recordar histórias tradicionais



© B.J. Fictum, Daily Sun/AP Images

Dois integrantes dos Dançarinos Tchecos Juniores de Wilber apresentam-se no Festival Tcheco de Wilber realizado todos os anos em Nebraska. A pequena cidade começou como assentamento tcheco em 1865

Repatriação de Propriedade Cultural

Dois especialistas discutem se arte e artefatos devem ser repatriados

Malcolm Bell, III



Malcolm Bell, III

Foto: Leslie Rahuba. Cortesia: Malcolm Bell

Malcolm Bell, III é professor emérito do Departamento de Arte McIntire da Universidade de Virgínia. Ele é especialista em arqueologia da arte grega e atua como codiretor das escavações de Morgantina, na Sicília.

Os governos normalmente defendem a repatriação de

artefatos e obras de arte para proteger sua cultura e evitar a exploração por parte de colecionadores e museus estrangeiros. Bell explica a justificação jurídica e moral dessa posição.

O Dicionário Oxford de Inglês define “repatriar” como “restaurar (um artefato ou outro objeto) a seu país ou lugar de origem” e reconhece a repatriação como um processo de restauração, de tornar inteiro novamente. Muitos artefatos e obras de arte têm valor cultural especial para uma determinada comunidade ou nação. Quando essas obras são retiradas de seu ambiente cultural original perdem seu contexto, e a cultura perde uma parte de sua história.

Os artefatos culturais muitas vezes estão sujeitos a pedidos de repatriação. A causa imediata é normalmente uma reivindicação legal ou moral do país ou da comunidade de origem. Os opositores da repatriação costumam negar que esses pedidos sirvam a fins nacionalistas, enquanto seus defensores geralmente oferecem justificativas racionais sem motivação política. Muitos países, embora não os Estados Unidos, declaram propriedade do Estado as antiguidades do subsolo ou subaquáticas, os artefatos, túmulos e estruturas localizados dentro das fronteiras nacionais desconhecidos até serem descobertos, seja ocasionalmente ou por escavação. A

James Cuno



James Cuno

© M. Spencer Green/AP Images

James Cuno é presidente do Instituto de Arte de Chicago e autor de *Who Owns Antiquity? Museums and the Battle over our Ancient Heritage* [De Quem é a Antiguidade? Os Museus e a Batalha sobre o Patrimônio do Passado] (Princeton 2009).

Proporcionar aos visitantes de museus uma gama diversificada de arte de todo o mundo promove indagações, tolerância e amplo conhecimento. As criações artísticas transcendem as fronteiras nacionais e também as culturas e os povos que as criaram, argumenta Cuno.

Os museus de arte nos Estados Unidos dedicam-se à administração profissional das obras de arte aos seus cuidados. Curadores e diretores de museus de arte que representam as várias culturas do mundo acreditam que, ao introduzir os visitantes a uma gama diversificada de arte, ajudamos a dissipar a ignorância sobre o mundo, promovendo indagações e tolerância em relação às diferenças culturais.

Isso é especialmente importante no mundo urbanizado e globalizado de hoje. Considere Chicago, por exemplo, a cidade onde moro e trabalho. Segundo o censo de 2000, 42% dos moradores de Chicago são descendentes de europeus, e 37% são de ascendência africana. Os hispânicos formam a maior porcentagem de residentes nascidos no exterior e a parte da população de Chicago que cresce mais rápido. A cidade tem a quinta maior população de estrangeiros dos Estados Unidos, a segunda maior população mexicana dos Estados Unidos e a terceira maior população do Sul da Ásia dos Estados Unidos. Além disso, Chicago é a cidade com a terceira maior população grega do mundo. Cerca de 22% da população de Chicago

Bell continuação



Vista do Partenon (ao fundo, à direita) na Acrópole de Atenas, Grécia. Muitas das esculturas de mármore do Partenon estão no Museu Britânico em Londres. Se elas devem ou não ser repatriadas para a Grécia é motivo de muito debate

maioria dos países declara que esses bens foram explorados no passado devido à demanda de colecionadores e museus estrangeiros por antiguidades.

A reivindicação de propriedade de um país de origem oferece duas vantagens:

- Bloqueia a escavação não documentada que destrói sítios arqueológicos e tira artefatos de seus contextos funcionais e históricos.
- Impede a exportação de obras de arte e artefatos escavados ilegalmente.

A reivindicação de propriedade protege o objeto quando ele está na terra e, uma vez descoberto, desestimula seu desaparecimento na esfera do comércio e dos colecionadores internacionais. Essa reivindicação legal é a base para a maioria dos pedidos de repatriação.

Leis e normas internacionais reconhecem e codificam a repatriação. Em 1970, a Convenção sobre as Medidas a Serem Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência de Propriedade Ilícitas de Bens Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), fundamental, apesar do nome imenso, foi ratificada, desestimulando o comércio internacional de antiguidades pilhadas. Como consequência, os compradores de antiguidades sem documentação reconheceram (ou deveriam ter reconhecido) a situação legal incerta de objetos sem procedência conhecida adquiridos depois de 1970. Os países de origem têm pressionado museus e colecionadores importantes para desistir desse tipo de antiguidade, e uma quantidade significativa de antiguidades foi repatriada nos últimos dez anos.

Cuno continuação

é de origem estrangeira, com mais de 26 grupos étnicos falando mais de 40 idiomas. Ao apresentar obras de arte de todo o mundo sem preconceitos, o Instituto de Arte de Chicago não só apresenta aos visitantes culturas distantes no tempo e espaço, mas, cada vez mais, podemos apresentá-los às culturas de seus vizinhos.

Os museus devem ser enciclopédicos; devem se esforçar para apresentar a arte de muitas culturas diferentes. O filósofo Paul Ricoeur poderia ter descrito os museus enciclopédicos quando disse: “Quando descobrimos que existem várias culturas, e não apenas uma, e conseqüentemente (...) reconhecemos o fim de uma espécie de monopólio cultural (...) de repente, torna-se possível que existam apenas os outros, que nós mesmos sejamos um ‘outro’ entre outros.” Museus enciclopédicos estão comprometidos com essa meta importante de lançar luz sobre outras culturas.

Governos de todo o mundo tendem a reivindicar bens culturais como bens nacionais. Costuma-se dizer que a arte encontrada em um determinado país está ligada a essa nação por raízes históricas comuns, até mesmo étnicas, e muitas vezes é vista como algo que distingue indelevelmente uma nação de outra. Com a diversidade de arte de suas coleções, os museus enciclopédicos argumentam contra essa definição estreita de cultura. Em vez disso, eles conclamam seus visitantes a ver a arte como algo que transcende as fronteiras políticas. Obras de arte — pinturas, artefatos, música ou dança — transcendem as culturas e as pessoas que as criam, entrelaçando as histórias de povos diferentes; por exemplo, a influência da arte grega sobre as culturas subsequentes de Roma, Ghandara e Europa neoclássica ou as influências da pintura, da poesia e da música hindu, budista e muçulmana persa na cultura indiana. A cientista



Algumas das esculturas de mármore do Partenon, também conhecidas como Mármores de Elgin, no Museu Britânico, em Londres

Bell continuação



A série de debates *Who's Right?* fica hospedada no site *America.gov* [http://www.america.gov/whos_right_archives.html]

O pedido de repatriação de um artefato, portanto, normalmente tem uma forte base legal. As antiguidades foram exportadas ilegalmente, provavelmente também escavadas ilegalmente; mas o importante é que hoje são consideradas pelos tribunais dos EUA como bens roubados. Podemos também observar que mesmo nos Estados Unidos, onde os direitos de propriedade privada são bastante respeitados, o governo reivindica a propriedade de antiguidades de terras federais — e solicitará sua repatriação se forem escavadas e exportadas pelo setor privado.

“A restituição da inteireza (...) é a justificação real e subjacente para a devolução de artefatos e antiguidades. Nesse sentido, a repatriação é uma expressão de justiça.”

— *Malcolm Bell*

Novas leis podem prever justificativas adicionais para a repatriação. Nos Estados Unidos, a Lei de Proteção e Repatriação dos Túmulos de Indígenas Americanos (Nagpra), de 1990, determina que museus e coleções federais devolvam às tribos indígenas americanas restos de esqueletos, bens e objetos sagrados dos túmulos — alguns deles escavados ou coletados no século 19. Embora a Nagpra não se aplique a materiais semelhantes mantidos pelo setor privado ou para coleções fora dos Estados Unidos, ela é um exemplo para todas as instituições estrangeiras que mantêm objetos de importância para culturas tribais ou mesmo para Estados-nação. Um exemplo pode ser a extraordinária coleção de bronzes do Benin, da qual a autoridade colonial britânica se apossou em 1897, onde é hoje a Nigéria. Exibidas hoje nos principais museus internacionais, essas grandes obras da arte africana são parte

Cuno continuação

política Roxanne Euben está certa quando nos alerta contra a compartimentalização do mundo em “entidades uniformes e identificáveis, cujos limites são claramente demarcados uns dos outros dividindo o mundo de modo a apagar fissuras dentro de cada categoria e o endividamento histórico mútuo entre elas”. Quando a arte e a cultura estão estritamente ligadas a uma nação, perdemos os laços do cruzamento cultural que unem muitas pessoas diferentes.

Os museus de arte americanos dedicam-se à criação de coleções

enciclopédicas de acordo com as leis e tratados nacionais e internacionais pertinentes. Investigamos a situação jurídica de toda potencial aquisição. Quais são suas origens? Se

for do exterior, quando foi exportada? Qual seu histórico recente de propriedade? Temos de estar certos de que podemos ter o título de propriedade da obra de arte em questão. Se descobrirmos depois que uma obra de arte de nossas coleções foi exportada ilegalmente, temos a obrigação ética e legal de repatriá-la.

Alguns defendem, no entanto, que a arte deve ser repatriada a seu país “de origem” mesmo que tenha sido adquirida legalmente. Argumentam que algumas obras de arte são de determinadas nações por direito, porque são consideradas significativas para o país requerente, importantes para a identidade e a autoestima de seus cidadãos. Isso significa reescrever a história.

Onde devemos traçar a linha? A história é longa e desordenada.



Criada na Itália, esta estátua de mármore de Faustina Maior, da Roma Antiga, é hoje exibida no Museu J. Paul Getty, na Villa Getty, em Los Angeles

©J. Paul Getty Trust, Bob Rina, Jr/AP Images

Departamento de Estado

Bell continuação

integrante da cultura do moderno Estado-nação onde foram criadas e para onde um dia talvez sejam repatriadas.

Outro argumento para a repatriação deriva dos direitos morais (em oposição aos direitos legais) que recentemente começaram a ser atribuídos às próprias obras. Entre eles:

- o direito à continuação de existência — aqui podemos lembrar o caso trágico das grandes esculturas budistas em Bamiyan, no Afeganistão, intencionalmente destruídas em 2001 pelo Taleban;
- o direito à conservação adequada;
- o direito à preservação da documentação histórica ou arqueológica pertinente;
- o direito de acesso público e;
- o direito de consolidação quando uma obra está em fragmentos.

O último desses direitos — o direito à integridade — pode ser importante para a repatriação, lembrando novamente que a repatriação é uma forma de restauração. Obras fragmentadas divididas entre museus do mundo todo merecem ser vistas e entendidas como elementos de um todo. Os gregos antigos acreditavam que as esculturas davam vida virtual a seus sujeitos, e assim a inteireza era uma característica essencial de uma obra de arte de imitação ou representação. Há muitos exemplos de antiguidades divididas que poderiam retornar à sua integridade por meio de trocas inteligentes e recíprocas. O caso mais notável é, sem dúvida, as partes dispersas (em latim, *disiecta membra*) da maior obra única da antiguidade clássica, o templo de Atenas na Acrópole de Atenas, conhecido como Partenon. Muitas das esculturas de mármore do Partenon foram retiradas pelos britânicos em 1803 e estão hoje no Museu Britânico. Algumas outras estão localizadas em outros lugares. Embora existam vários argumentos políticos, econômicos e jurídicos a favor do retorno de todas as esculturas do Partenon à Grécia, a maior defesa está na reivindicação da inteireza do grande templo. Não há melhor razão para repatriar as esculturas do Partenon. A restituição da inteireza, seja de uma cultura tribal, seja de uma grande obra de arte, é a justificação real e subjacente para a devolução de artefatos e antiguidades. Nesse sentido, a repatriação é uma expressão de justiça. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Cuno continuação

Um território mantido hoje por um determinado Estado-nação no passado provavelmente pertenceu a uma entidade política diferente, uma com outros descendentes. Considere o grande mundo afro-eurásiano, por exemplo. Os impérios se expandiram e contraíram, surgiram e desapareceram por mais de 3.500 anos, desde Assíria, Egito, Pérsia, Grécia, Roma e Índia Mughal, na Antiguidade, a Portugal, França e Grã-Bretanha, entre outros, no mundo moderno. Será que a arte helenística antiga feita e descoberta no Afeganistão, na época do império grego, pertence à Grécia ou ao Afeganistão? E o vidro e os marfins egípcios encontrados em Bagram, hoje no Museu Nacional, em Cabul, o último traindo a influência de precedentes indianos, persas e gregos? A qual nação moderna eles pertencem? As linhas que delimitam as reivindicações à arte e à cultura não são claras.

Outros defendem a repatriação de obras de arte para reunir trabalhos individuais ou conjuntos de obras hoje dispersos. Mais uma vez, onde a linha deve ser traçada? E mesmo que alguém quisesse reunir obras de arte dispersas, onde alguém faria isso? Qual dentre muitos países, cidades e museus em posse de partes de uma obra de arte (um painel de um retábulo maior, por exemplo, ou uma escultura de um grupo de esculturas) deve ser designado “lar” da obra reunida?

Eu diria que, dentro dos limites da lei, os museus, onde quer que estejam, devem ser encorajados a adquirir obras de arte representativas das muitas e variadas culturas do mundo. Isso pode ser feito por meio de compra ou empréstimo de longo prazo e do trabalho conjunto de museus e nações do mundo todo. Essas coleções incentivam uma visão cosmopolita do mundo e promovem um entendimento historicamente preciso da fluidez da cultura.

Como escreveu o historiador econômico indiano Sanjay Subrahmanyam: “(...) uma cultura nacional que não tem a confiança para declarar que, como todas as outras culturas nacionais, também é uma mistura híbrida e cruzada de elementos oriundos de encontros casuais e consequências imprevistas, só pode seguir o caminho da xenofobia e da paranoia cultural”. E no mundo e no tempo em que vivemos, os museus enciclopédicos podem desempenhar papel importante no combate dessas tendências perigosas. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Leis de Preservação dos EUA

Estrutura Jurídica para Preservação do Patrimônio Cultural

Patty Gerstenblith



Foto: Massimo Catarinella, 2008. Cortesia: Wikimedia Commons

Mesa Verde, localizado no Colorado, foi lar do antigo povo Ancestral Pueblo e é agora parque nacional dos EUA

Patty Gerstenblith é eminente professora de pesquisa e diretora do Centro de Arte, Museus e Direito do Patrimônio Cultural da Faculdade de Direito da Universidade DePaul.

Os Estados Unidos têm um extenso corpo de leis que protege os direitos daqueles que criam obras culturais e intelectuais, desde formas tangíveis, como escultura e arquitetura, até produtos menos concretos da imaginação, como música e dança. Essas leis também estabelecem uma estrutura para preservação dessas obras para o benefício de futuras gerações.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO TANGÍVEL NOS ESTADOS UNIDOS

- **Lei das Antiguidades, de 1906:** autoriza o presidente dos EUA a declarar “marcos históricos, estruturas históricas e pré-históricas e outros objetos de interesse histórico ou científico” como monumentos nacionais protegidos.

- **Serviço Nacional de Parques:** criado em 1916, protege uma grande variedade de sítios naturais e construídos pelo homem nos Estados Unidos. Graças ao trabalho do Serviço Nacional de Parques, os Estados Unidos têm alguns dos maiores e mais bem protegidos parques nacionais do mundo, entre eles, sítios naturais como o Yellowstone, no Wyoming, e Yosemite, na Califórnia, e locais construídos pelo homem, como Mesa Verde, no Colorado.

- **Lei de Preservação Histórica Nacional, de 1966:** cria o Registro Nacional de Sítios Históricos e limita o desenvolvimento e a construção que afete edifícios, distritos históricos e outros locais significativos da história, arquitetura, arqueologia e cultura dos Estados Unidos.

- **Lei de Proteção de Recursos Arqueológicos, de 1979:** protege artefatos e sítios arqueológicos em terras federais, exigindo licença para escavações e remoção de artefatos.

• **Lei de Repatriação e Proteção dos Túmulos de Indígenas Americanos, de 1990:** prevê a restituição às tribos de índios americanos e às organizações de índios havaianos dos restos humanos e outros artefatos funerários descobertos após 1990 em terras pertencentes ao governo federal ou por ele administradas. Ao proteger artefatos usados na prática religiosa, essa lei também ajuda a preservar valores e tradições culturais intangíveis.

LEIS AMERICANAS DE PRESERVAÇÃO DE CULTURAS MUNDIAIS

Os Estados Unidos participam dos esforços internacionais para preservar culturas mundiais.

• **Lei de Implementação da Convenção sobre Propriedade de Bens Culturais, de 1983:** implementa a ratificação dos EUA da Convenção sobre as Medidas a Serem Adotadas para Proibir e Impedir a Importação, Exportação e Transferência de Propriedade Ilícitas de Bens Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A lei de 1983 proíbe a importação para os Estados Unidos de bens culturais roubados de museus estrangeiros ou de outras instituições religiosas ou seculares. Também autoriza o presidente dos EUA, por meio do Departamento de Estado, a restringir a importação para os Estados Unidos de artefatos arqueológicos de “significância cultural” que tenham mais de 250 anos e sejam de materiais etnográficos raros e/ou culturalmente importantes.

• **Lei de Preservação Histórica Nacional, de 1966:** parte dessa lei implementa a Convenção sobre Patrimônio Mundial, de 1972, da Unesco, condicionando a realização de obras no exterior, por parte do governo americano, à avaliação e mitigação das possíveis consequências adversas aos sítios de patrimônio cultural.

• **Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural:** administrado pelo Departamento de Estado dos EUA, esse fundo autoriza embaixadores americanos a indicar projetos de preservação cultural para serem financiados. Essa iniciativa adicionou mais de 640 projetos em cerca de 100 países durante a última década. O fundo restaurou edifícios históricos; conservou coleções de museus; e documentou técnicas tradicionais de arte e folclore, inclusive música e idiomas indígenas.

PRESERVAÇÃO DA CULTURA INTANGÍVEL NOS ESTADOS UNIDOS

O governo federal dos EUA também lançou iniciativas destinadas a preservar formas intangíveis de cultura.



Cortesias: Biblioteca do Congresso, Divisão de Imprensa e Fotografias, Coleção Lomax.

O Arquivo de Canções Folclóricas Americanas da Biblioteca do Congresso dos EUA (sob direção do Centro de Folclore Americano) vem preservando a música folclórica americana desde 1928. Nesta foto, os músicos de folclore americano Gabriel Brown e Rochelle French, retratados por volta de 1935

• **Arquivo de Canções Folclóricas Americanas:** estabelecido na Biblioteca do Congresso dos EUA em 1928, o arquivo coleta e registra músicas americanas compostas desde os anos 1890 até a época atual. Em 1978, o arquivo tornou-se parte do Centro de Folclore Americano.

• **Centro de Folclore Americano da Biblioteca do Congresso dos EUA:** criado pelo Congresso dos EUA em 1976, o centro preserva cultura tangível e intangível, inclusive “língua, literatura, arte, arquitetura, música, jogos, danças, peças de teatro, rituais, espetáculos e artesanato”. O centro também preserva vozes e música de diversas regiões e grupos étnicos, inclusive canções e danças de indígenas americanos, baladas em inglês, relatos pessoais de ex-escravos e histórias contadas em diferentes dialetos americanos.

• **Fundo Nacional para as Artes:** criado em 1965 como agência federal independente, o Fundo Nacional para as Artes oferece verbas para artistas e outros criadores de obras para incentivar e promover arte visual, música, dança e a arte de contar histórias, entre outras formas de expressão cultural. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos.

Recursos Adicionais

Publicações e sites sobre a preservação do patrimônio cultural

LIVROS E ARTIGOS

Carlton, Jim. “In Alasca, a Frenchman Fights to Revive the eyak’s Dead Tongue” [“No Alasca, Francês Luta para Reviver a Língua Morta Eyak”]. *Wall Street Journal* (10 de agosto de 2010)
<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704499604575407862950503190.htm>

Cuno, James, org. *Whose Culture? The Promise of Museums and the Debate Over Antiquities [Cultura de Quem? A Promessa dos Museus e o Debate sobre Antiguidades]*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2009.

Gates, Pamela S. e Dianne L. Hall Mark. *Cultural Journeys: Multicultural Literature for Children and Young Adults [Jornadas Culturais: Literatura Multicultural para Crianças e Jovens Adultos]*. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 2006.

Gerstenblith, Patty. *Art, Cultural Heritage, and the Law: Cases and Materials [Arte, Patrimônio Cultural e a Lei: Processos e Materiais]*. 2ª ed. Durham, Carolina do Norte: Carolina Academic Press, 2008.

Hogan, John P., org. *Cultural Identity, Pluralism, and Globalization [Identidade Cultural, Pluralismo e Globalização]*. Washington, DC: Conselho de Pesquisa em Valores e Filosofia, 2005.

Hopkins, Kyle. “Extinct Alaska Native Language Interests French Student” [“Língua Nativa Extinta do Alasca Interessa Aluno Francês”]. *Anchorage Daily News* (29 de junho de 2010)
<http://www.adn.com/2010/06/27/1343777/unlikely-passion-may-save-eyak.html>

McLean, George F. *Persons, Peoples, and Cultures: Living Together in a Global Age [Pessoas, Povos e Culturas: Vivendo Juntos em uma Era Global]*. Washington, DC: Conselho de Pesquisa em Valores e Filosofia, 2004.

National Geographic. “Places We Must Save: World Parks at Risk” [“Lugares que Precisamos Salvar: Parques

do Mundo em Risco”], *National Geographic*, vol. 210, nº 4 (outubro de 2006)
<http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/0610/feature2/index.html>

Regier, Willis G., org. *Masterpieces of American Indian Literature [Obras-Primas da Literatura Indígena Americana]*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2005.

Roberts, Sam. “Listening to (and Saving) the World’s Languages” [“Ouvindo (e Salvando) as Línguas do Mundo”]. *New York Times* (28 de abril de 2010).
<http://www.nytimes.com/2010/04/29/nyregion/29lost.html?pagewanted=al>

Robinson, Matt. “Preservation Hall Links Past With the Present” [“Preservation Hall Une Passado e Presente”], *Travel Weekly* (7 de dezembro de 2007)
http://www.travelweekly.com/article3_ektid117098.aspx?terms=*preservation+hall*

Smith, Laurajane e Natsuko Akagawa, orgs. *Intangible Heritage [Patrimônio Imaterial]*. Londres; Nova York: Routledge, 2009.

Sweet, William, org. *The Dialogue of Cultural Traditions: Global Perspective [O Diálogo de Tradições Culturais: Perspectiva Global]*. Washington, DC: Conselho de Pesquisa em Valores e Filosofia, 2008.

SITES

Governo dos EUA

Fundo Nacional para as Artes
<http://www.nea.gov>

Serviço Nacional de Parques
<http://www.nps.gov>

Conselho de Artes de Dakota do Norte
www.nd.gov/arts

**Departamento de Estado dos EUA
Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação
Cultural**

<http://exchanges.state.gov/heritagelafcp.html>

**Biblioteca do Congresso dos EUA
Centro de Folclore Americano**

<http://www.loc.gov/folklife>

**Biblioteca do Congresso dos EUA
Festival Nacional do Livro**

<http://www.loc.gov/bookfest/>

Organizações internacionais

**Convenção sobre as Medidas a Serem Adotadas
para Proibir e Impedir a Importação, Exportação
e Transferência de Propriedade Ilícitas de Bens
Culturais da Organização das Nações Unidas para a
Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (1970)**

http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13039&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco

<http://www.unesco.org/culture/ich/>

**Atlas Interativo de Línguas em Perigo no Mundo –
Unesco**

<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00206>

Patrimônio Cultural Mundial – Unesco

<http://whc.unesco.org>

Organizações de pesquisa e ativismo

**Arquivos de Música Tradicional – Universidade de
Indiana**

<http://www.indiana.edu/~libarchml/>

Núcleo da Cultura (preservação da dança)

<http://www.coreofculture.org/>

**Workshop Sopro de Vida (preservação das línguas
indígenas da Califórnia)**

<http://linguistics.berkeley.edu/~survey/activities/breath-of-life.php>

**Projeto Aliança para as Línguas Ameaçadas de
Extinção**

<http://endangeredlanguagealliance.org/main/about>

Fundo Línguas Ameaçadas de Extinção

<http://www.endangeredlanguagefund.org/about.html>

**Sociedade Linguística dos Estados Unidos
Comissão sobre Línguas Ameaçadas de Extinção
(CELP)**

<http://www.lsadc.org/info/lsa-comm-endanger.cfm>

**Instituto Living Tongues de Idiomas Ameaçados de
Extinção**

www.livingtongues.org/

Faculdade Marygrove

**Sociedade de Literatura e Cultura Afro-Americana
(AALCS)**

<http://aalcs.marygrove.edu>

Projeto Myaamia (Tribo Miami, Oklahoma)

www.myaamiaproject.org/

Fundo Nacional de Preservação Histórica

www.preservationnation.org

**Centro Smithsonian de Folclore e Patrimônio
Cultural**

<http://www.folklife.si.edu>

Festival Smithsonian de Folclore

<http://www.festival.si.edu>

Smithsonian Folkways Recordings

<http://www.folkways.si.edu>

**Sociedade para o Estudo das Línguas Indígenas das
Américas (SSILA)**

www.ssil.org

**Projeto da Língua Yurok em Berkeley,
Universidade da Califórnia**

<http://www.linguistics.berkeley.edu/~yurok>

**Centro de Treinamento em Documentação de Línguas
(LDTIC) da Universidade do Havaí**

<http://www.ling.hawaii.edu/~uhdoc/>

**Festival de Dança Étnica de São Francisco da World
Arts West**

www.worldartswest.org

agora no facebook



ENGAJANDO O MUNDO



REVISTA MENSAL OFERECIDA
EM DIVERSOS IDIOMAS

<http://america.gov/publications/ejournalusa.html>

Departamento de Estado dos EUA, Bureau de Programas de Informações Internacionais